



ARTIGO

Eliane Ribeiro* e Regina Novaes**

Jovens da América do Sul: situações, demandas e sonhos mobilizados

A América do Sul vive intensas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. Apesar das diferenças que caracterizam a formação social de nossos países, cada vez mais se evidenciam semelhanças marcadas pela combinação de histórias comuns de governos autoritários, dificuldades de processar transições democráticas, perversos efeitos de políticas neoliberais econômica e socialmente desagregadoras, um persistente quadro de precariedades e desigualdades sociais.

Ao mesmo tempo, em vários países registram-se esforços significativos em direção da consolidação da democracia. Diferentes formas de participação, associativismo e redes sociais estão presentes no espaço público e impulsionam iniciativas governamentais em direção à ampliação de direitos sociais e à geração de oportunidades.

Nesse contexto, em que se combinam velhas vulnerabilidades e novas possibilidades de agregação social, observa-se a importância de um particular segmento populacional: a juventude. Vivemos o apogeu da quantidade de jovens com relação ao total da população da região, entre 20% e 25%, quadro que deve permanecer pelo menos até 2015.

Habitantes de um mundo em acelerado processo de globalização, esses(as) jovens vivenciam problemas e incertezas semelhantes. Costuma-se dizer que as novas gerações são as maiores vítimas das excludentes injunções que caracterizam o continente sul-americano. Porém, se já não há como negar as possibilidades construídas pelos próprios jovens, que direta ou indiretamente, funcionam como enfrentamento e resposta às situações de discriminações

e desigualdades, trata-se de melhor conhecê-las. Este é o objetivo da pesquisa Juventude e Integração Sul-americana: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis.¹

Como ponto de partida, indagou-se: qual o papel da juventude nas mudanças em curso em nosso continente? Que demandas, lutas políticas, formas de organização e de solidariedade esses(as) jovens têm construído no início deste novo século? Seria possível falar em identidade geracional e uma agenda comum para ação entre jovens sul-americanos?

Com essa perspectiva, o estudo foi centrado na análise de 19 situações-tipo, cada uma focalizando um segmento juvenil do qual nos aproximamos com um mesmo conjunto de questões, enfatizando a aposta na juventude e a identificação de suas principais demandas.

Aproximando juventudes

Após nove meses de trabalho, foi possível conhecer um conjunto de processos em movimento, identificar demandas e estratégias focalizadas pelos(as) jovens no sentido da ampliação de conquistas políticas e sociais (Tabela 1).

¹ Pesquisa realizada pelo Ibase em parceria com o Instituto Pólis – Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, com apoio do International Development Research Centre (IDRC) e mais um conjunto de entidades e pesquisadores(as) dos países envolvidos.

Tabela 1
Sistematização das situações-tipo estudadas

País/Instituição parceira	Segmento juvenil	Organização ou grupo pesquisado	Demanda/Consigna
Argentina / Fundação SES	Filhos de desaparecidos políticos da ditadura militar 1976-1983 (setores médios)	H.I.J.O.S./ Buenos Aires	Direitos humanos (Direito à verdade, justiça e memória histórica)
	Jovens da cidade de Gualeguaychú (setores médios)	Assembléia Juvenil Ambiental de Gualeguaychú	Proteção ao meio-ambiente
	Jovens desempregados (setores populares)	Jóvenes de Pie, na província de Buenos Aires	Trabalho (oportunidade de emprego ou inserção produtiva) e educação
	Jovens beneficiários de projetos sociais (setores populares)	Movimento Juvenil Andresito (Província de Misiones)	Trabalho (capacitação para inserção produtiva) e educação
Bolívia / PIEB	Jovens do movimento hip hop (bairros populares)	Grupos de hip hop aymará em El Alto	Cultura (reconhecimento etnocultural e condições para produção artística), educação e trabalho
	Jovens estudantes moradores de bairro popular (setores populares)	Movimentos estudantis em El Alto (Antonio Paredes Candía, Insea, Insthea)	Educação (movimento pela criação de uma Escola Normal em El Alto)
	Jovens empregadas domésticas (setores populares)	Federação Nacional das Trabalhadoras do Lar em La Paz	Trabalho (direitos trabalhistas/ equidade de gênero) e educação

(Continua na página seguinte)

(Continuação da Tabela 1)

País/Instituição parceira	Segmento juvenil	Organização ou grupo pesquisado	Demanda/ Consigna
Brasil / Pólis (a partir de rede de pesquisadores/ instituições no Brasil)	Jovens migrantes que trabalham no corte manual da cana-de-açúcar (famílias de agricultores pobres)	Jovens do Nordeste (Maranhão e Piauí) que trabalham no interior de São Paulo	Trabalho decente (melhores condições) e educação (calendário escolar adequado)
	Jovens estudantes urbanos (maioria de classes populares, alguns de classe média)	Movimento pelo passe livre – Revolta do Buzu – em Salvador/Bahia	Circulação (locomoção para a escola / transporte / direito à cidade) e educação de qualidade
	Jovens trabalhadores do setor de telemarketing (sobretudo, setores populares, minoria de classe média)	Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações no Estado de São Paulo e Sindicato dos Trabalhadores em Telemarketing e Empregados em Empresas de Telemarketing na Grande São Paulo	Trabalho decente (melhores condições)
	Jovens do movimento hip hop (bairros populares)	Grupo Família MJB, em Caruaru / Pernambuco	Cultura (condições para produção artística e cultural, luta por reconhecimento e combate ao racismo)
	Jovens de projetos sociais e organizações voltadas para jovens (maioria de setores populares)	Fórum de Juventudes do Rio de Janeiro	Políticas públicas de juventude (participação na agenda, na elaboração e no acompanhamento)
	Segmentos juvenis diferenciados (movimentos culturais, pastorais, estudantis, jovens de ONGs, de partidos políticos etc)	Acampamento Intercontinental da Juventude – Fórum Social Mundial (edições realizadas em Porto Alegre)	Sustentabilidade, economia solidária, direitos humanos, diversidade e igualdade: por um outro mundo possível (influenciar na agenda e nas formas de participação do Fórum Social Mundial e nas pautas das juventudes)
Chile / CIDPA	Jovens estudantes secundaristas (maioria setores populares, alguma participação setores médios)	Movimento de protesto dos secundaristas, Rebelião dos Pingüins, em Valparaíso – Coordenadora de Estudantes Secundaristas de Valparaíso	Educação (demandas imediatas e de projeto educacional)
	Segmentos juvenis diferenciados que participam de projetos	Organizações juvenis que participam no Departamento de Jovens de Concepción	Políticas públicas para a juventude (participação ativa na definição e gestão dessas políticas)
Paraguai / Base-IS	Jovens camponeses em região de crescimento da monocultura da soja	Associação de Agricultores do Alto Paraná (Asagraba)	Agroecologia (terra, educação, trabalho)
	Jovens estudantes secundaristas (maioria setores populares e parte setores médios)	Movimento do passe livre Federação Nacional de Estudantes Secundaristas (Fenaes) – Assunção	Educação, circulação / transporte
Uruguai / Cotidiano Mujer / Faculdade de Ciências Sociais da Universidade República	Juventudes partidárias	Grupos jovens do Partido Colorado, Partido Nacional e da Frente Ampla (Montevideu)	Participação política (as ênfases nas agendas correspondem ao perfil dos diferentes partidos)
	Movimento pela Legalização da Cannabis	Plantá tu Planta, Prolegal, La Placita	Legalização da maconha (direito de escolher, cultura, meio-ambiente)

Fonte: Juventude e Integração Sul-americana: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis, 2008.

O que reivindicam?

Observando a Tabela 1, destacamos seis pontos de intercessão que – sem desconhecer as especificidades das diferentes situações estudadas – podem favorecer a construção de uma agenda comum.

Educação pública de qualidade: uma escola que caiba na vida do(a) jovem

A demanda mais presente nos segmentos juvenis estudados foi a educacional. Destaca-se o reclamo por educação pública, gratuita e de qualidade. Nas entrevistas realizadas, está presente o tom de denúncia que enfatiza as práticas discriminatórias, os processos de exclusão, os mecanismos de reprodução de desigualdades que caracterizam o sistema educacional dos diferentes países. Contudo, chamou a atenção o fato de que não se fala apenas em direito à educação ou ampliação do acesso à escola. Para essa geração, trata-se de buscar: maior *qualidade* (professores mais bem-preparados, currículos mais condizentes com a realidade atual); *mais flexibilidade* (necessidade de calendários adaptados para combinar trabalho e estudo nas cidades e na área rural); *garantia de continuidade* educativa (secundária, técnico-profissional, universitária).

Trabalho decente e outras oportunidades de inserção produtiva

A questão do trabalho está presente de forma contundente, evidenciando centralidade na vida dos(as) diversos(as) jovens sul-americanos(as). Diante da precarização das condições trabalhistas, do desemprego, da concentração fundiária, da mecanização, das mudanças tecnológicas e das discriminações ditadas pelo fato de serem jovens, as pessoas entrevistadas buscam oportunidades para trabalhar e se emancipar. Como se pode deduzir pelo que mostra a Tabela 1, as trajetórias dessas pessoas no mundo do trabalho são diversas. No entanto, destacam-se duas quimeras recorrentes. Em primeiro lugar, não demandam simplesmente trabalho, mas trabalho decente que assegure remuneração condizente e direitos trabalhistas. Em segundo lugar, enfatizam novas ocupações na área da cultura, da agroecologia, das ocupações sociais que

permitem aliar inserção produtiva (individual ou em grupo) e valores.

Cultura: valores e acessos à fruição e à produção cultural

Com diferentes ênfases e matizes, a dimensão cultural está presente em todas as situações-tipo estudadas. Considerando que em nossas sociedades a juventude está sempre entre forças antagônicas que produzem tanto adesões como críticas à chamada sociedade de consumo, em cada uma das situações estudadas estão presentes disputas de imagens, valores, motivações de sentido de vida. Nesses cenários, por um lado, o acesso à cultura começa a ser visto como um direito dos(as) jovens os quais, geralmente, não têm recursos para escolher como usar o tempo livre, para desfrutar os momentos de lazer e para ter acesso ao patrimônio cultural material e imaterial de seu país. Por outro lado, nessa geração ampliou-se significativamente o número de jovens voltados(as) para produções artísticas geradoras de pertencimentos e identidades. Dessa forma, convocam-se os poderes públicos tanto para garantir meios para lazer e fruição cultural para diferentes segmentos juvenis como para o reconhecimento e o apoio às diferentes manifestações artísticas produzidas e apreciadas pela juventude.

Vida segura: valorização da diversidade e direitos humanos

Essa geração de jovens sul-americanos(as) é afetada por diferentes formas de violência física e simbólica. Uma das dimensões estudadas está relacionada ao direito à memória negada pela violência política do regime militar. Em outras distintas situações estudadas, segmentos juvenis socialmente vulnerabilizados dirigem-se ao poder público para reverter preconceitos e discriminações (étnicas, de gênero, por local de moradia). Em parte delas, menciona-se a opressão advinda dos confrontos entre o tráfico de drogas e as polícias que, em geral, tratam os jovens como principais suspeitos. Como ponto comum, amplia-se a referência aos direitos humanos, reforçando a necessidade de que políticas públicas de juventude que contemplem: a) a busca de justiça e dos direitos de cidadania; b) o combate aos

preconceitos e a valorização da diversidade cultural juvenil; c) uma concepção de vida segura que articule o combate à violência com os demais eixos da agenda pública de juventude (educação, trabalho e cultura).

Ecologia: conexões juvenis com vistas à sustentabilidade socioambiental

Pelo caminho da ecologia, jovens da cidade e do campo se conectam com as questões de seu tempo, fazendo dialogar velhos problemas com novas motivações. Nas situações-tipo estudadas, registram-se diferenciadas evocações da questão ambiental e ecológica. Daí resultam tipos diversos de ações coletivas e inéditas possibilidades de articulação intergeracional e entre jovens de classes sociais diferentes, urbanos e rurais. Considerando que a pauta do meio-ambiente está bastante disseminada, recomenda-se a ampliação da noção de educação ambiental formal e não-formal, favorecendo a circulação de informações e proporcionando elementos para negociação, escolhas e pactos societários. Em momento em que se esgotam oportunidades nas carreiras tradicionais e há tanta preocupação sobre o futuro do planeta, tal perspectiva também acena para o fortalecimento de novas áreas de profissionalização ambiental (agentes comunitários ambientais, turismo ecológico etc.) e para espaços de inserção juvenil na América do Sul.

Circulação: ampliação das possibilidades de ir e vir no campo e na cidade

Uma das demandas que aparecem de forma incisiva na pesquisa é o direito à circulação e à mobilidade, necessário ao exercício de outros direitos fundamentais – como acesso à educação, ao trabalho, à cultura e ao lazer. O direito à circulação dos(as) jovens tem sido mote de algumas das mais expressivas manifestações públicas na região, com embates entre jovens, poder público e empresários do transporte. Podemos dizer que o direito mais genérico à circulação e à cidade (no caso da juventude urbana) não está incorporado nem respondido. É fundamental desenvolver a consciência de que a mobilidade juvenil deve ser iniciativa e resultado de política pública.



Reinvenções da participação

Independentemente da demanda em questão, movimentos juvenis necessitam de visibilidade, reconhecimento e participação. É preciso que a sociedade, e em especial os governos, sejam capazes de reconhecê-los e de estimular espaços onde possam dialogar e influenciar nas políticas que afetam suas vidas. Para tanto, é fundamental aprofundar conhecimento sobre jovens da região, relativizar idéias preconcebidas e ampliar a capacidade de compreensão sociológica.

Os relatórios nacionais da pesquisa nos permitem questionar, por exemplo, observações recorrentes sobre a geração juvenil atual.

Costuma-se dizer que os expedientes virtuais, vinculados às novas tecnologias de informação, afastam os(as) jovens do mundo real. Relativizando tal generalização, observamos que as novas tecnologias de informação e comunicação (tais como Internet – *blogs*, *fotologs*, páginas pessoais, fóruns de discussão, celular, entre outras) surgem como importantes instrumentos de organização, de registro de atividades, de disseminação das demandas e mobilização etc. entre jovens organizados(as).

Por outro lado, elementos destacados pelos(as) jovens pesquisados(as) nos permitem questionar veredictos que afirmam não existir

utopias entre a juventude de hoje. Certamente, existem vários usos da palavra em questão. Porém, por que não considerar utopias (sonhos mobilizadores) essas inéditas conjugações entre demandas imediatas e questões mais gerais, expressas por meio das idéias de direitos humanos e de ecologia?

Tratar do tema da juventude na região de forma mais qualificada é fortalecer uma nova perspectiva comum dos direitos humanos dos(as) jovens; é potencializar solidariedades sociais e acesso às novas tecnologias; é influenciar na construção das agendas de políticas públicas voltadas para as juventudes regionais que visem sustentabilidade socioambiental. Se é verdade que nunca houve uma humanidade tão numerosa e tão jovem, certamente caberá à juventude atentar para urgentes ações no “aqui e agora” e reinventar utopias,adoras de sentido para a vida.

Atualmente, no âmbito do Mercosul, o espaço reservado à participação da juventude ainda é pequeno. Não tem sido fácil para os distintos participantes de movimentos juvenis conseguir se articular na esfera regional, pois a tendência é que as mobilizações se dêem, sobretudo, nos planos locais e nacionais. No entanto, os processos em curso têm mostrado que a participação de jovens nos assuntos públicos é fator determinante para a ampliação da democracia na região.

Nessa perspectiva, o Mercosul se torna, portanto, um novo marco para um diálogo em que haja explicitação de conflitos e trocas entre os atores sociais participantes. Demandas e participação juvenis que, à primeira vista, não estariam ligadas aos processos formais de integração regional, ganham relevância hoje: podem (e devem) ser abordadas sob a ótica regional.

Políticas no Mercosul

Iniciadas em momentos diferentes e com institucionalidades diversas, nos seis países estudados existem iniciativas de políticas públicas para a juventude (PPJ). E como são avaliadas essas políticas? No conjunto, predominam observações críticas, tais como: planos educativos que não levam em conta a inserção produtiva futura dos(as) jovens; pouca atenção à cultura; ausência de programas de acesso à moradia para jovens; falta de atenção à saúde da juventude. Evidenciam-se ainda problemas de desenho e de gestão das PPJs, a saber: falta de orçamentos próprios ou orçamentos limitados; ausência de uma abordagem integral dos problemas que atingem os(as) jovens; falta de coordenação entre ações setoriais e/ou ações territoriais; ausência de um plano pactuado com a sociedade; falta de participação juvenil em seu desenho, implementação e avaliação.

Ao identificar tensões e dificuldades das PPJs nestes países, acreditamos estar contribuindo para que os problemas possam ser equacionados.

A integração das políticas públicas de juventude com o Mercosul foi enfatizada por especialistas, entrevistados(as) na pesquisa, como um passo importante nessa direção. Não por acaso, há uma grande expectativa sobre o papel que pode ser desempenhado pela Reunião Especializada da Juventude (REJ), que se soma a outros organismos do Mercosul dedicados às políticas públicas setoriais. A REJ surgiu na Cúpula de Córdoba, em 2006, e marcou a introdução do tema da juventude na agenda oficial do bloco.

As preocupações que predominam entre os gestores governamentais e os movimentos sociais são: levantar informações sobre as políticas dos países vizinhos; e homogeneizar estatísticas e marcos legais – no Brasil, a categoria “jovem” vai de 15 a 29 anos. Em outros países, em geral, abarca de 15 a 24 anos. Além disso, há projetos de desenvolver campanhas transnacionais contra a exploração sexual de jovens – problema especialmente grave nas áreas de fronteira.

Nesse contexto, acredita-se que a questão da juventude tanto possa ser impulsionada como impulsionar a integração sul-americana. Sem dúvida, o fortalecimento de lideranças juvenis locais e regionais; a maior vinculação entre os temas da inclusão e da participação social com as políticas públicas de juventude; assim como o maior compromisso dos poderes públicos com a agenda dos(as) jovens contribuirão para a consolidação da democracia regional.

Por outro lado, e simultaneamente, a aposta e a consolidação de uma integração solidária entre povos e nações da região contribuirá para que as demandas da juventude ganhem visibilidade na América do Sul, pautem agendas públicas e gerem novas iniciativas e mudanças em relação ao futuro das novas gerações. Os obstáculos são bem conhecidos. Mas nesse inédito e desafiante processo de integração, surpresas e esperanças têm surgido entre os(as) jovens. Cabe aos governos e à sociedade encontrar os melhores meios para que a energia vital da juventude se espalhe por todo tecido social. ■

Pesquisa em rede

Anna Luiza Salles Souto* e Pedro Pontual **

Trabalhar em rede é, sem dúvida, um grande desafio. Com base na experiência bem-sucedida da pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas (2004-2005), que envolveu instituições de diversas regiões do Brasil, Ibase e Pólis avançaram na produção de novos conhecimentos sobre o universo juvenil, agora com o olhar voltado para o continente sul-americano. Este novo estudo, realizado a partir de uma rede de organizações e de pesquisadores(as) de seis países da região, reforça a nossa convicção sobre o acerto desse desenho organizacional.

No Brasil, o Pólis, coordenador dos estudos nacionais, organizou uma rede integrada por alguns parceiros da pesquisa anterior – tais como Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Ação Educativa, ONG sediada em São Paulo – e por especialistas nas temáticas abordadas. Com a supervisão técnica de Helena Abramo, somamos forças na articulação de parceiros localizados em vários estados e responsáveis pelos estudos sobre distintas organizações e movimentos juvenis, afinando os enfoques analíticos com vistas à elaboração de um relatório nacional.

Essa articulação, por si só complexa, constituiu-se em um dos braços de uma rede mais ampla, integrada por instituições desses seis países do continente. O desafio de executar uma pesquisa em rede no curto tempo disponível exigiu habilidade e sintonia da coordenação e forte comprometimento dos(as) pesquisadores(as).

A aposta na construção coletiva de novos saberes, no compartilhamento de reflexões que transcendem as dinâmicas específicas de cada país e, sobretudo, na articulação de instituições sul-americanas comprometidas com o adensamento da democracia e com a transformação social da nossa região gerou resultados positivos e proporcionou um rico aprendizado entre as partes.

Esse processo, no entanto, só foi possível graças ao esforço coletivo em vencer as barreiras do idioma, à existência de um diálogo franco e aberto entre nós e ao compromisso mútuo com os pressupostos técnicos e políticos do projeto. Nesse percurso, fomos capazes de flexibilizar sem perder o foco, criar sinergias sem apagar a diversidade, somar o acúmulo das distintas instituições e, com isso, alimentar novas reflexões e indagações que ultrapassam os limites dessa pesquisa. Concluímos essa trajetória com a certeza de que as relações de confiança construídas no decorrer desse período são valiosas e respondem pelo sucesso da empreitada.

A parceria entre Ibase e Pólis, iniciada no projeto anterior, vai se firmando como exemplo de um feliz encontro entre instituições que comungam ideais, mas possuem trajetórias distintas e alguns campos específicos de atuação. A soma dos acúmulos institucionais e a concepção e condução compartilhada das duas pesquisas sobre juventude reverteram-se positivamente para os referidos projetos. O rico intercâmbio de experiências, o exercício de construção coletiva e os laços de amizade que nos unem vêm gerando aprendizados pessoais e para ambas as organizações.

***Anna Luiza Salles Souto**

Coordenadora executiva do Instituto Pólis, coordenadora geral da pesquisa no Brasil e coordenadora adjunta da pesquisa sul-americana

**** Pedro Pontual**

Pesquisador do Instituto Pólis, coordenador geral da pesquisa no Brasil e coordenador adjunto da pesquisa sul-americana

*** Eliane Ribeiro**

Cientista social, doutora em Educação, integrante da Equipe Técnica Sul-americana da pesquisa

**** Regina Novaes**

Antropóloga, consultora temática da pesquisa